

Editorial – Antropologia e Comunicação:

Uma homenagem a José Carlos Rodrigues

Editorial – Anthropology and Communication:

A tribute to José Carlos Rodrigues

Alexandre Carauta

Doutor em Comunicação pela PUC-Rio e Editor da Revista ALCEU.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Vera Follain de Figueiredo

Doutora em Letras pela PUC-Rio e Editora da Revista ALCEU.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

A **Alceu 44** apresenta um convite adicional à leitura. A edição presta uma singela homenagem ao professor José Carlos Rodrigues, substantiva referência no mundo acadêmico há mais de 50 anos, 44 deles na PUC-Rio. A aposentaria recente não lhe reduz o fôlego profissional: o autor de clássicos como *Tabu do corpo*, *Tabu da morte* e *Antropologia e Comunicação* mantém atividades docentes e colaborações com o Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da universidade. Como dizem na linguagem do futebol que ele tanto adora, Zé Carlos segue batendo um bolão.

Suas reflexões acuradas pulsam intensamente nas artérias universitárias desde 1970, quando se formou em Ciências Sociais na UFF, pela qual se graduou também em Direito. Em aproximadamente uma década virou mestre, pelo Museu Nacional da UFRJ, e doutor em Antropologia, pela Universidade de Paris. A vitalidade acadêmica desembocaria em 14 livros publicados, incursões por universidades estrangeiras,

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v21.ed44.2021.235>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 21, Nº 44, p.1-5, mai./ago. 2021

prêmios científicos. Impulsionaria o pioneirismo no debate em torno das representações sociais adensadas pela cultura midiática.

José Carlos Rodrigues inspirou, e inspira, gerações de estudantes, pesquisadores/as, professores/as. Também coleciona deliciosos papos, movidos pela fluência com a qual caminha, por exemplo, de Foucault à arquibancada do Maraca. Partes dessa história, dessa convivência, desse legado são lembradas nos textos de abertura da **Alceu 44**, afetuosamente escritos por quatro colegas: Roberto DaMatta, Everardo Rocha, Márcio Goldman e Adriana Braga.

Igualmente enriquecedor é o papo do próprio Zé Carlos com a professora Bruna Aucar e o professor Mauro Silveira. Gravada para o podcast do PPGCOM da PUC-Rio, a conversa está disponível também na **Alceu**. A novidade reforça o empenho crescente da revista em expandir, por meio dos recursos multimídia, a pluralidade, a consistência e o acesso referentes aos conteúdos editoriais.

Aos textos dedicados a José Carlos Rodrigues, soma-se, de certa forma, o de Ronaldo Helal. O sociólogo também cultiva afinidades intelectuais e pessoais com o homenageado, inclusive a paixão futebolística. Fundador e coordenador do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (Leme), da UERJ, e autor de diversas publicações sobre as cadências socioculturais do futebol, Helal abre a série de 13 artigos desta edição.

Em *Exotismo e Irracionalidade: as narrativas da imprensa francesa sobre a seleção brasileira de futebol nas Copas do Mundo de 1958 e 1998*, ele apresenta uma análise sobre a relação entre a crônica esportiva daquele país – em particular, a do jornal *L'Équipe* nos Mundiais de 1958 e 1998 – e a consolidação de estereótipos que renderiam fama internacional ao nosso futebol. Helal parte da hipótese de que desde a Copa de 1938 narrativas jornalísticas sedimentam a ideia um futebol brasileiro marcadamente artístico, como apregoavam o antropólogo Gilberto Freyre e o jornalista Mario Filho.

O texto seguinte lança também um olhar antropológico, do próprio José Carlos Rodrigues, sobre uma sistemática bola dividida. A partir da relativização cultural de posições extremas em torno das leis e das práticas sociais no país, *“Conversar” e “engrossar”: sobre a maleabilidade das regras no Brasil* fornece uma substantiva contribuição a esse debate sobre o qual se debruçam cientistas sociais, autoridades públicas e a sociedade de uma forma geral.

Os dados reunidos em dez anos de pesquisa indicam uma discussão mais complexa do que sugere a polarização entre a defesa da maleabilidade das regras, de acordo com os contextos, e os argumentos favoráveis ao endurecimento dos códigos. Os resultados mostram que a plasticidade das regras no Brasil é um fenômeno cultural. Também confirmam que essa maleabilidade não se limita a abrandar os efeitos das leis, correspondendo com frequência ao endurecimento delas.

Já Clotilde Perez e Bruno Pompeu recorrem a teorias antropológicas e sociológicas para investigar os dilemas e os desafios do consumo de joias. Com base nesse estudo, o artigo *A significação da joia na contemporaneidade: a percepção do consumidor e a produção de sentido das marcas* levanta reflexões sobre as dimensões simbólicas do consumo, em especial relacionadas ao setor joalheiro no Brasil, e o papel da comunicação publicitária nas dinâmicas do mercado.

Em território semelhante transita a pesquisa etnográfica de Vitor Braga, Matheus Felizola e Jane Marques, centrada no consumo midiático de jovens distantes dos centros metropolitanos, particularmente no Nordeste. Eles confirmam que o acesso crescente às mídias sociais se revela significativo a um consumo cada vez mais voltado à interação nas redes online. Detalhado no artigo *Consumo cultural e midiático dos jovens face às mídias sociais - Uma experiência no nordeste brasileiro*, o estudo atesta ainda que esses jovens se representam em um contexto de grande exposição de si mesmos, e não se distanciam dos referenciais da cultura regional.

Para Fabiana Moraes, o uso das plataformas digitais é o eixo do debate sobre um jornalismo aberto a práticas ativistas. Em *Jornalismo, ativismo e sensibilidade hacker: por uma prática situada que ousa dizer o nome*, ela assinala teorias e dinâmicas convergentes à aplicação, no campo jornalístico, de uma ética *hacker*, caracterizada por uma “relação com a coletividade, o compartilhamento e o engajamento, ações estabelecidas em rede em prol de movimentos democráticos”.

A relação entre as mídias sociais e o jornalismo também é explorada por Manuel Petrik em *Construção Social nas Redes: conflitos em comentários no Facebook da Folha de São Paulo e Estadão*. O artigo contempla a polêmica em comentários publicados nos perfis desses jornais na referida rede. Petrik identifica um grande interesse dos leitores por temas políticos, sucedido por assuntos morais e comportamentais, assim como um tom refratário predominante dos comentários.

O diálogo com a área tecnológica digital assume dicções musicais em *A produção do “aovivismo”:* *música, tecnologia e performance midiaticizada em tempos de isolamento social*. A partir de uma abordagem comunicacional, Victor Pires investiga as apresentações musicais nas redes online disseminadas durante o isolamento social na pandemia. O pesquisador mergulha em questões como a documentação da performance e as temporalidades complexas dos produtos midiáticos para compreender o lugar da música ao vivo na cultura midiática atual.

Num terreno igualmente contemporâneo situa-se a proposta de Socorro Veloso e Alice Andrade evidenciada no título do artigo: *Aquilombamento virtual midiático: Uma estratégia metodológica para o estudo das mídias negras*. Raízes históricas de resistência dos quilombos fundamentam o esquadro analítico das mídias negras brasileiras e de suas práticas sociais: o aquilombamento virtual midiático. A ferramenta sugerida busca intensificar o debate sobre questões étnico-raciais, “na mesma medida em que atua no reforço da identidade negra” e no fortalecimento da luta antirracista. Perspectiva pela qual a comunicação em rede é compreendida como uma ponte ferramenta no enfrentamento a opressões.

Caminha em temática adjacente o artigo *Uma perspectiva afro-centrada para produção de narrativas: Alguns elementos pedagógicos para colocar a experiência de sujeitos negros no centro do processo de protagonismo com tecnologias*. Luiz Carlos Pinto recorre a repertório da filosofia afroperspectivista para indicar elementos de uma pedagogia popular do uso de tecnologias da informação e comunicação voltado à produção de narrativas. O esforço conceitual e metodológico do pesquisador evoca signos e personagens das histórias e culturas afro-brasileiras e africanas, em particular do Candomblé Nagô praticado no Brasil. A matriz simbólica afro-brasileira também se alinha à desmistificação das tecnologias, uma vez que as dinâmicas online na podem ser associadas “à vivência cotidiana dedicada ao culto de Orixás”.

Jane Maciel também atravessa a ponte entre as tecnologias de comunicação e o ativismo social e político. Sua pesquisa explora as narrativas imagéticas constituídas nos protestos de 2013 para refletir sobre as implicações democráticas das fotografias. Em *O que sobrevive dos protestos de 2013 em imagens: remontando fotografias políticas para ativar um levante democrático*, a pesquisadora sublinha tais registros não propriamente como prova visual ou registro mnemônico, e sim como “atores-redes cujas lembranças e sobrevivências são tarefas políticas importantes contra o esquecimento e o entendimento reducionista desses movimentos”.

A imagem ocupa o centro de outro artigo desta edição: *A hora da estrela e suas adaptações: cinema, televisão e literatura entre realismo e reflexividade*. Eduardo Miranda parte das reflexões de Rodrigo S.M. no célebre romance de Clarice Lispector para discutir opções narrativas em duas adaptações audiovisuais da obra literária: o filme homônimo *A Hora da Estrela*, de 1985, dirigido por Suzana Amaral, e o programa de televisão *Cena Aberta*, de 2003, do diretor e roteirista Jorge Furtado.

O cinema também move as análises de Claudio Penteado e Bruno Novaes Araujo em *Cinema, poder e controle – O Entretenimento a serviço da submissão ao consumismo*. O artigo discute usos cinematográficos como mecanismo discursivo para a manutenção da lógica de mercado na sociedade contemporânea.

Em *O cinema como acontecimento*, por fim, o filósofo francês Alain Badiou vislumbra a capacidade de a sétima arte, embora parta da comunicação, excedê-la ao mostrar novas relações. O texto, inédito em português, resulta da visita do professor emérito da Universidade de Paris 8 ao México, em 2006, e sua tradução foi gentilmente autorizada pelo autor.

Boas leituras!

Alexandre Carauta

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3607-8710>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Doutor em Comunicação pela PUC-Rio

Vera Follain de Figueiredo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0142-6938>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Doutora em Letras pela PUC-Rio

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.